
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

PAISAGENS, IDENTIDADES, DESLOCAMENTOS: O ROMANCE *IN DER FREMDE SPRECHEN DIE BÄUME ARABISCH* DE USAMA AL SHAHMANI

Dionei Mathias¹(UFSM)

RESUMO: O início do século XXI tem mostrado uma intensificação dos fluxos migratórios mundo afora. Com o processo de deslocamento, atores sociais também são confrontados com novas paisagens e, sobretudo, com novas práticas simbólicas que codificam aquilo que compreendemos como paisagem. O romance *In der Fremde sprechen die Bäume arabisch* ('No estrangeiro as árvores falam árabe', sem tradução para o português) do autor Usama Al Shahmani, escritor de origem iraquiana, radicado na Suíça e que escreve em língua alemã, problematiza essa intersecção, mostrando em seu enredo o contato de um refugiado com as paisagens suíças. Este artigo pretende discutir como o protagonista desse romance interage com paisagens, verificando as concepções de sua socialização primária e como essas concepções se transformam ao longo do enredo. Com isso em mente, a primeira parte do artigo apresenta uma discussão teórica do conceito de paisagem, enquanto a segunda se dedica à análise de paisagens representadas no romance. Conclui-se que o protagonista passa por um processo de transformação de sua construção identitária, ao se mostrar aberto para os potenciais de sentido que emergem da experiência com a paisagem.

PALAVRAS-CHAVE: Usama Al Shahmani; *In der Fremde sprechen die Bäume arabisch*; paisagem; identidade.

LANDSCAPES, IDENTITIES, DESLOCATIONS: USAMA AL SHAHMANI'S NOVEL *IN DER FREMDE SPRECHEN DIE BÄUME ARABISCH*

ABSTRACT: The beginning of the 21st century has shown an intensification of migratory flows around the world. In face of displacement processes, social actors are also confronted with new landscapes and, above all, with new symbolic practices that codify what we understand as landscape. The novel *In der Fremde sprechen die Bäume arabisch* (*In Foreign Lands, Trees Speak Arabic*, translated by Rachel Farmer) by Usama Al Shahmani, a writer of Iraqi origin, living in Switzerland and writing in German, problematizes this intersection, showing in its plot the contact of a refugee with the Swiss landscapes. This article intends to discuss how the protagonist of this novel interacts with landscapes, verifying the conceptions of his primary socialization and how these conceptions are transformed throughout the plot. With this in mind, the first part of the article presents a theoretical discussion of the concept of landscape, while the second part is dedicated to the analysis of landscape representations in the no-

¹ dioneimathias@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-8415-1460>



vel. It concludes that the protagonist undergoes a process of transformation of his identity construction, as he is open to the potential of meanings that emerge from the experience with the landscape.

KEYWORDS: Usama Al Shahmani; *In der Fremde sprechen die Bäume arabisch*; landscape; identity.

Recebido em 18 de fevereiro de 2023. Aprovado em 9 de outubro de 2023.

INTRODUÇÃO

Fluxos migratórios sempre existiram. Talvez a difusão em massa de imagens, por meio das mais diversas mídias, tenha contribuído para criar uma consciência sobre a onipresença desses deslocamentos. Os motivos para esses deslocamentos são muitos: guerras, violência, perseguição, pobreza, catástrofes climáticas, dentre outros. Quando atores sociais deixam seu espaço primário de socialização, eles levam consigo uma bagagem de malhas simbólicas que fundamentam seu ser no mundo. Essa bagagem também contém um acervo simbólico-imagético de paisagens, com suas diferentes formas de uso e suas dimensões afetivas. Ao chegarem no novo espaço de assentamento, encontram outras formas de organizar o espaço, conceber paisagens e se movimentar nessas coordenadas. Nesse primeiro momento, as sedimentações identitárias são inexistentes ou escassas, de modo que ainda precisam tecer relações com o conjunto simbólico que compõe as paisagens nas novas localizações geográficas.

Essa caracterização inicial que tenta captar uma dimensão da experiência de atores sociais envolvidos em fluxos migratórios obviamente não se restringe a esse agrupamento. Talvez baste se movimentar no espaço para ser confrontado com essa dinâmica que emerge da intersecção entre espaço, prática simbólica e identidade pessoal. Contudo, o impacto no bojo do deslocamento parece intensificar a experiência de estranhamento e suscitar, por vezes, uma sensibilidade apurada para as dimensões simbólicas por trás da prática cultural chamada de “paisagem”.

Tendo esse cenário como ponto de partida, este artigo está dividido em duas partes. Na primeira, empreende uma discussão teórica com o intuito de identificar como o conceito de paisagem se encontra atrelado a dimensões simbólico-culturais e identitárias. Na segunda parte, busca ilustrar como a representação de paisagens e sua conexão com a identidade migrante do protagonista se concretizam no romance *In der Fremde sprechen die Bäume arabisch* de Usama Al Shahmani. Central, nesse contexto, parecem ser os fluxos de sentidos, especialmente tendo em vista o caráter fluido e em constante negociação das composições de mundo que fundamentam a experiência individual. Nesse sentido, a fluidez do conceito de paisagem cria um elo com o caráter transitório da própria identidade.

REFLEXÕES TEÓRICAS

As reflexões sobre o conceito de paisagem são múltiplas e complexas. De uma perspectiva sócio-construtivista, a paisagem não é algo dado, estável e passivo de uma definição última. Pelo contrário, seu escopo semântico emerge de processos de negociação de sentido, em que o ato de interpretação tem um papel central:

Um potencial significativo dessa perspectiva sócio-construtivista reside no fato de que a paisagem é entendida como um termo relativo que pode ser entendido de maneiras muito diferentes, se considerado de perspectivas diversas. No entanto, a perspectiva do socioconstrutivismo também significa que não existe uma paisagem ‘verdadeira’ que represente uma ‘realidade’ independente do observador. Não há mais uma “realidade objetiva” da paisagem com base na qual o “valor” da paisagem possa ser determinado de forma intersubjetiva e compulsória. Os valores são o resultado de negociações discursivas entre diferentes interesses sociais e não são característica de um objeto ou de uma constelação de objetos. Falando de forma mais geral, isso significa que, de uma perspectiva sócio-construtivista, não existe uma “coisa em si”, mas apenas interpretações de uma “coisa” dependente de interpretações socialmente produzidas e mediadas. (Kühne 2015: 30)²

Essa compreensão do conceito de paisagem tem uma ressonância muito intensa, quando inserida no contexto dos estudos literários, uma vez que o estudo da literatura também se dedica à compreensão de dinâmicas de sentido, a partir das diversas reverberações relacionais, neste caso, produzidas pela arte do verbo. No lugar de uma definição e de um entendimento duro, sólido, imutável, herança do projeto da Modernidade racional, surge um pensamento que se abre para o fluido, instável, relacional. Essa modalidade de compreender e se relacionar com o espaço, especialmente no que diz respeito às coordenadas entendidas como paisagem, não é algo automático. Trata-se também de uma atitude frente à administração dos sentidos produzíveis no espaço da vida.

Compreensões da realidade, incluindo aquilo que entendemos como paisagem, são frutos daquilo que aprendemos a enxergar no processo de nossa socialização

² Nota Bene: Todas as traduções são de minha autoria.

Ein wesentliches Potenzial einer solchen sozialkonstruktivistischen Perspektive liegt darin, dass Landschaft als ein relativer Begriff verstanden wird, der aus unterschiedlichen Blickwinkeln betrachtet, sehr unterschiedlich gefasst werden kann. Die sozialkonstruktivistische Perspektive bedeutet allerdings auch, dass es keine ‚wahre‘ Landschaft gibt, die eine beobachterunabhängige ‚Realität‘ darstellt. Es gibt keine ‚objektive Realität‘ Landschaft mehr, auf deren Grundlage intersubjektiv verbindlich eine Bestimmung des ‚Wertes‘ von Landschaft vorgenommen werden kann. Werte sind Ergebnisse diskursiver Aushandlungen zwischen unterschiedlichen gesellschaftlichen Interessen und keine Eigenschaft eines Objektes oder einer Objektkonstellation. Allgemeiner gesprochen bedeutet dies, dass es aus sozialkonstruktivistischer Perspektive kein ‚Ding an sich‘ gibt, sondern nur Interpretationen von einem ‚Ding‘ in Abhängigkeit von gesellschaftlich produzierten und vermittelten Deutungen.

e das práticas simbólicas dominantes no espaço cultural em que interagimos, como Kühne reforça em sua introdução (Kühne 2018: 23). Foco de discussão, nesse contexto, é o problema do acesso à realidade. Problematisa-se a concepção de um acesso imediato ao real, independente dos determinismos culturais e dos instrumentos simbólicos fornecidos pela socialização cultural e imbricados na percepção de mundo. Nessa perspectiva, entende-se que o acesso à realidade e, com isso, àquilo que compreendemos como paisagem é sempre mediado pelas práticas simbólicas herdadas do nosso respectivo espaço cultural. Em outras palavras, nós aprendemos (ou não) a enxergar paisagens e outros aspectos do espaço da vida, com base nos instrumentos simbólico-culturais disponíveis em nossos respectivos contextos de interação social.

A prática cultural define o que enxergamos como paisagem. Juntam-se a isso as concepções do si que fundamentam os processos de apropriação de realidade. Sobre isso, Greider e Garkovich escrevem:

O que esses exemplos de paisagem sugerem é que as definições de natureza e meio ambiente estão fundamentadas em vários símbolos por meio dos quais grupos culturais transformam a natureza e o mundo que ali existe em fenômenos subjetivos significativos. Esses fenômenos subjetivos são reflexos de como as pessoas se definem como pessoas dentro de um determinado grupo ou cultura. Diante da mudança, inicia-se o processo de negociação de novas autodefinições, mas as negociações ocorrem no contexto de paisagens existentes que enquadram as direções que as novas autodefinições podem tomar. (Greider, Garkovich 1994: 4)³

Esse elemento da reflexão sobre o conceito de paisagem parece chamar a atenção para o fato de que uma dinâmica central que fundamenta a administração e transmissão de sentido dentro de agrupamentos culturais se encontra na forma como pessoas ou grupos concebem suas identidades. As imagens do si, portanto, impactam no modo como o respectivo indivíduo ou grupo se aproxima do espaço natural, atribuindo dimensões de sentido que, por sua vez, reverberam algo sobre a própria identidade. Com isso, a definição cultural (ou individual) do conceito de paisagem parece revelar algo sobre anseios, limitações, mas também sobre cegueiras no processo de produção de autoimagem. Com base na respectiva construção identitária, surge um fluxo de atribuição de valor e produção de sentido.

Problematisar esse nexos ajuda a compreender visões de mundo, determinismos culturais ou também percepções inovadoras que desbravam caminhos para novas formas de apropriação de realidade. O modo como indivíduos *interagem com paisagens* indica a narrativa que forma a base da autorrepresentação. Isso se mostra, por exemplo, no consumo de paisagens como produto cultural no bojo da indústria

³ What these landscape examples suggest is that the definitions of nature and the environment are grounded in various symbols through which cultural groups transform nature and the world that is there into meaningful subjective phenomena. These subjective phenomena are reflections of how people define themselves as people within a given group or culture. Faced with change, the process of negotiating new self-definitions begins, but the negotiations occur within the context of existing landscapes that frame the directions that the new self-definitions may take.

do turismo (Andrews 2011: 76) ou na esteira da onipresença imagética de paisagens (Jakob 2011: 47) e sua distribuição irrestrita em diferentes mídias. Nesse horizonte, a paisagem pode ser simplesmente comodificada para uso representacional nas mídias sociais, com um descarte célere e impensado, como o pote de iogurte do café da manhã, mas ela também pode ser o ponto de partida para desencadear reflexões sobre o si e o mundo.

Isso depende, em grande parte, do grau de reflexividade individual sobre a própria dinâmica identitária. O indivíduo pode, mas não de forma automática, refletir sobre a oferta de sentido que sua socialização cultural lhe faz e sopesar como essa oferta está em consonância ou não com sua própria visão de mundo. Nessa esteira, pode simplesmente reproduzir *dinâmicas dominantes, mas também* prestar resistência, buscando por alternativas para as categorias de interação e, sobretudo, de interpretação da realidade que o circundam.

O encontro com a paisagem – assim como o encontro com a literatura – contém sempre um potencial que pode ser concretizado de múltiplas formas, dependendo dos caminhos individuais de gestão do sentido. A discussão desse potencial, em especial no modo como personagens de ficção o administram na realidade ficcional, permite desencadear reflexões sobre os determinismos culturais que inevitavelmente caracterizam a *existência humana, mas também* sobre a ideação de alternativas que podem transformar o espaço da vida.

O conceito de paisagem emerge de encontros. No processo de apropriação de espaço por humanos, há um movimento de semantização do excerto espacial que os circunda, como nos ensina Jackson (1997: 309). O traçado define as paisagens com suas regras de trânsito e esclarece como o espaço é integrado na malha cultural:

Os limites estabilizam as relações sociais. Eles transformam os sem-teto em residentes, estranhos em vizinhos, inimigos em estranhos. Eles dão uma qualidade humana permanente ao que de outra forma seria uma extensão amorfa de terra. Esses espaços fechados aproximadamente geométricos são uma maneira de repreender a desordem e a falta de forma do ambiente natural. (Jackson 1984: 15)⁴

O trabalho de semantização tem funções múltiplas. Por um lado, auxilia na instalação de regras que permitem o convívio social, indicando aos membros da comunidade como a organização da paisagem espacial fundamenta as dinâmicas interacionais. Por outro lado, a semantização transforma aquilo que ainda não tem sentido (da perspectiva humana) em algo passível de integração no universo simbólico humano, *fornecendo um enquadramento teleológico* para a concretização existencial. Jackson identifica vetores-chave: o espaço político e o espaço vernacular. O primeiro segue uma lógica de semantização pautada pelos princípios da racionalidade e dos inte-

⁴ Boundaries stabilize social relationships. They make residents out of the homeless, neighbors out of strangers, strangers out of enemies. They give a permanent human quality to what would otherwise be an amorphous stretch of land. Those roughly geometrical enclosed spaces are a way of rebuking the disorder and shapelessness of the natural environment.

resses de estado, sem muita flexibilidade no que diz respeito à transformação de traçados já instaurados. O espaço vernacular, por sua vez, revela uma lógica de semantização mais flexível, atenta às necessidades que vão surgindo no decorrer da concretização existencial.

Trata-se, portanto, de duas formas bastante diversas da gestão do sentido. Em sua discussão sobre as contribuições de Jackson, Besse escreve:

A paisagem vernacular evolui, de acordo com Jackson, com base em nossas tentativas de viver em harmonia com o mundo natural ao nosso redor. Podemos dizer que é fruto de uma adaptação mútua entre o homem e o mundo. Ao contrário da paisagem política, que pretende ser a concretização de uma ideia ou de um arquétipo, a paisagem vernacular é “existencial”, diz Jackson, o que significa que a sua identidade não é dada de uma vez por todas, à partida. (Besse 2003: 25)⁵

Desses dois esforços de semantização espacial emergem igualmente duas concepções identárias: a primeira já tem um projeto definido e a semantização da paisagem está subordinada a essa narrativa. A segunda não parte de um projeto definido, de modo que a construção identitária se concretiza à medida que as necessidades individuais vão se delineando. O primeiro parece mais próximo ao projeto de racionalidade no bojo da Modernidade, o segundo se afilia muito mais a um pensamento orgânico.

Especialmente essa última proposta se aproxima do conceito de paisagem como fenômeno instável, passível de constante transformação. Segundo Collot: “Para escapar da alternativa entre o construído e o dado, considerarei, portanto, a paisagem como um fenômeno, que não é nem uma pura representação, nem uma simples presença, mas o produto do encontro entre o mundo e um ponto de vista” (2013: 18). Esse encontro, por natureza, é individual e depende de uma série de fatores que vão definir a dinâmica de sentidos, começando pela socialização cultural e suas concepções de paisagem, mas incluindo igualmente a suscetibilidade individual, com suas marcas identitárias, que vão em busca de determinadas experiências.

Esse fenômeno é complexo e envolve todos os sentidos, não somente a dimensão visual, como defende Besse:

Mais precisamente: existe também na paisagem uma espacialidade de proximidade, de contato e de participação com um ambiente externo que se entende ele mesmo como complexo, ou seja, como uma atmosfera composta por várias dimensões sensoriais (sonora, tátil, olfativa, visual, etc.) que interagem na realidade e nas quais o corpo está “imerso”. De forma mais geral, seria possível questionar a coexistência e as transições entre vários níveis

5 Le paysage vernaculaire évolue, selon Jackson, en fonction de nos tentatives pour vivre en harmonie avec le monde naturel autour de nous. On peut dire qu’il est le fruit d’une adaptation mutuelle entre l’homme et le monde. À la différence du paysage politique qui veut être la réalisation d’une idée ou d’un archétype, le paysage vernaculaire est « existentiel », dit Jackson, ce qui veut dire que son identité n’est pas donnée une fois pour toutes, au départ.

ou formas de espacialidade dentro do que se chama “a paisagem”: o visual, o tátil, o olfativo, o sonoro. Em nossa experiência de paisagens, estamos simultaneamente envolvidos em vários tipos de espaços sensoriais, que se coordenam, mas permanecem distintos. (Besse 2011: 18)⁶

No decorrer de sua socialização cultural e de sua formação afetiva, cada indivíduo desenvolve diferentes esquemas de percepção e se apropria de instrumentos cognitivos para interagir com a complexidade do mundo. Na medida em que o texto literário simula essas experiências na esfera ficcional, ele também oferece uma plataforma para treinar essas diferentes formas de estar no mundo, desbravando caminhos para acessos alternativos de conhecimento, por vezes, não disponíveis no percurso de formação individual.

A PAISAGEM NO ROMANCE *IN DER FREMDE SPRECHEN DIE BÄUME ARABISCH* DE USAMA AL SHAHMANI

O romance de Usama Al Shahmani foi publicado originalmente em 2018, na editora Limmat de Zurique. O enredo trata de acontecimentos que envolvem as experiências de um refugiado iraquiano que busca asilo na Suíça. Enquanto tenta se inserir na sociedade suíça, acompanha os acontecimentos em casa, especialmente o desaparecimento do jovem irmão. Num processo paulatino, a voz narrativa empreende um intenso diálogo com as paisagens no novo país. Nesse processo, aprende a compreender o uso das práticas culturais atreladas a paisagens na Suíça, mas também desenvolve uma sensibilidade que suscita encontros, dos quais emergem experiências enriquecidas de sentido.

Antes de analisar passagens que corroborem essa argumentação, talvez seja pertinente refletir rapidamente sobre possíveis elos entre paisagens, identidades e deslocamentos. Paisagens assim como identidades emergem de processos de construção simbólica, cujas práticas oscilam entre solidez e fluidez, de acordo com a atitude adotada diante da gestão de sentidos. Em analogia ao encontro com a paisagem, o encontro com a alteridade pode ocorrer no marco da imposição de narrativas intransigentes, mas também com base no princípio do diálogo, cujo interesse primordial não reside em impor uma definição, dando preferência ao acontecimento aberto do encontro. Isso está atrelado, como no caso da percepção da paisagem, ao modo como cada ator social concebe a si e sua narrativa identitária. Concepções paisagísticas, mas também encontros com a alteridade são determinados, em grande medida,

⁶ Plus précisément: il existe aussi dans le paysage une spatialité du proche, du contact et de la participation avec un environnement extérieur qui est compris lui-même comme complexe, c'est-à-dire comme une ambiance composée de plusieurs dimensions sensorielles (sonores, tactiles, olfactives, visuelles, etc.) qui interagissent en réalité et dans laquelle le corps est comme « plongé ». De manière plus générale, il serait possible de s'interroger sur la coexistence et les transitions entre plusieurs niveaux ou formes de spatialité à l'intérieur de ce qu'on appelle « le paysage » : le visuel, le tactile, l'olfactif, le sonore. Dans l'expérience que nous faisons des paysages, nous sommes engagés simultanément dans plusieurs types d'espaces sensoriels, qui se coordonnent tout en restant distincts.

pela forma com cada sujeito concretiza seu ser no mundo. A abertura para o encontro entre o si e a complexidade do mundo representa o ponto de partida para os potenciais dos sentidos que podem emergir desse acontecimento. O encontro pode tentar estabilizar um traçado original, mas também pode se abrir para fluidez dessas coordenadas.

O protagonista do romance, no papel de refugiado, encontra essas diferentes atitudes em suas interações: um traçado, por vezes, intransigente que delimita claramente quem pode se deslocar para onde, por outro lado, experiências que encenam a fluidez interacional, marcada por um intenso interesse no encontro com a alteridade de suas experiências individuais. As passagens que voltam sua atenção para a interação com as paisagens reforçam especialmente essa segunda modalidade, cujo esforço se dedica ao encontro.

O primeiro capítulo do romance já problematiza a técnica cultural em volta dos usos da paisagem. O modo como os nativos interagem com suas paisagens nativas causa o estranhamento do refugiado, o que desencadeia um processo de reflexão que remete ao caráter culturalmente construído dos usos da paisagem. Nisso, a voz narrativa não faz recurso aos fluxos imagéticos virtuais ou da indústria do turismo, o que bloquearia o diálogo autêntico com a paisagem. No lugar de reproduzir imagens comodificadas, o protagonista busca compreender seu estranhamento. Esse desconcerto ocorre, por exemplo, quando ouve que os nativos fazem longas caminhadas por florestas, vales e montanhas, sem um objetivo específico. Antes de conhecer melhor esse uso cultural local, ele volta seu olhar para as concepções de sua socialização primária:

A floresta na cultura iraquiana está associada à incerteza e a histórias de espíritos malignos e demônios. Você pode se perder na floresta e não encontrar a saída. As florestas de palmeiras são um lugar onde falta segurança. Amamos as árvores, mas detestamos a floresta.

Todas essas árvores na floresta eram estranhas para mim, exceto algumas que ficavam em uma bela fileira como um poema árabe de sete palavras. Eu estava imediatamente familiarizado com elas, como se fôssemos velhos conhecidos. Elas formavam uma comunidade, como um verdadeiro amor. (Al Shahmani 2022: 12)⁷

A primeira constatação recupera a diferença dos usos culturais em volta da paisagem. Os parágrafos iniciais do romance relatam seu espanto ao aprender que os nativos depreendem prazer do trânsito por diferentes paisagens locais, investindo seu tempo livre na permanência nessas coordenadas. Nesse mesmo movimento, re-

⁷ Der Wald in der irakischen Kultur verbindet sich mit Ungewissheit und mit Geschichten über böse Geister und Dämonen. Im Wald kann man sich verlieren und nicht mehr herausfinden. Palmwälder sind ein Ort, dem es an Sicherheit mangelt. Wir lieben Bäume, aber verabscheuen den Wald.

Mir waren alle diese Bäume im dem Wald fremd bis auf einige wenige, die in einer schönen Reihe dastanden wie ein arabisches Gedicht aus sieben Worten. Sie waren mir gleich vertraut, als seien wir alte Bekannte. Sie formten eine Gemeinschaft, wie eine wahre Liebe.

cupera que paisagens semelhantes em seu país de origem desencadeiam sensações e respostas completamente diferentes, suscitando temor e afastamento. Num percurso paulatino, o relato do enredo mostra a transformação do protagonista, isto é, o modo como ele vai criando uma sensibilidade para esse tipo de encontro com a paisagem. Isso já se revela no segundo parágrafo da citação, quando, em um de seus primeiros contatos, ele começa a se familiarizar com os usos culturais da paisagem e já consegue identificar conotações positivas que podem suscitar o início de um diálogo mais intenso.

O modo como o protagonista se aproxima das paisagens suíças também revela sua atitude cultural. Nesse primeiro momento, ele ainda tenta recuperar sedimentos simbólicos de sua socialização primária a fim de construir analogias. Trata-se de um estar no mundo aberto ao encontro e disposto ao diálogo. O estranhamento inicial não se transforma em gatilho para o bloqueio comunicacional, impedindo um encontro. Para isso, ele neutraliza o impacto de sentido que seria gerado por sua socialização cultural e se embrenha nessa nova prática simbólica atrelada à interação com as paisagens locais. No lugar da exclusão peremptória, há um movimento de integração da alteridade em seu universo simbólico.

Em outra passagem, o protagonista experimenta alternativas de diálogo com as paisagens. Assim, ele enuncia palavras em sua língua materna e ouve seu eco:

Foi uma sensação agradável ouvir árabe na floresta. A natureza nem era muda, você só tinha que falar com ela e ouvi-la. E as árvores, no estrangeiro, falavam até árabe, disse a mim mesmo e abri os braços. Inspirei o cheiro das árvores, contemplei os galhos e brotos e senti que a floresta me aceitava. Tive a sensação de que conhecia os caminhos, não dei bola para as placas de sinalização – e me perdi. Mesmo assim, não tive medo de não achar o caminho de volta. (Al Shahmani 2022: 11-13)⁸

Ao falar árabe, ele tenta integrar esse espaço da paisagem em seu mundo, buscando uma forma de diálogo que não exija a anulação de sua origem. Ao mesmo tempo, ele também se abre para a experiência polissensorial do entorno, suscitando um encontro que ressemantiza o espaço em sua visão de mundo. Com efeito, ele experimenta uma sensação de pertencimento e acolhimento, o que suscita um encontro marcado pelo princípio da confiança. Para isso, ele precisa redefinir os parâmetros simbólicos de sua narrativa identitária e se mostrar suscetível para revisões das marcas culturais que fundamentam sua concepção de encontro com a paisagem.

Essa abertura permite neutralizar o medo e desbravar formas de encontro. Ele imerge na paisagem, abandona o traçado que define as limitações com suas regras

⁸ Es war ein schönes Gefühl, Arabisch zu hören im Wald. Es war also gar nicht so, dass die Natur stumm war, man musste sie nur ansprechen und ihr zu zuhören. Und die Bäume in der Fremde sprachen sogar arabisch, sagte ich mir und öffnete meine Arme. Ich saugte den Duft der Bäume im mich auf, betrachtete die Zweige und Knospen und spürte, dass mich der Wald annahm. Ich bekam das Gefühl, dass ich die Wege kannte, piff auf die Wegweiser – und verirrte mich. Angst, nicht mehr herauszufinden, hatte ich trotzdem nicht.

de distância e acolhe uma experiência paisagística para além do visual. Essa forma de diálogo não recupera macronarrativas racionais, com seus usos racionalmente pré-definidos e sua semântica estável (seguindo Jackson). No lugar do léxico comunicacional definido, surge uma experiência comunicacional vernacular que semantiza dimensões da realidade com base no encontro. O corpo imerso na paisagem busca compreender os sentidos locais.

Conforme o enredo vai avançando e as experiências com as paisagens locais vão aumentando, o protagonista se apropria de um conhecimento próprio que emerge desse encontro: “Um mergulho na floresta sempre me ajuda a deixar o passado descansar e pensar em um novo começo. Curve-se e balance-se, seja como as árvores ao vento, aja como uma árvore e deixe tudo fluir, pois tudo passará. O que você está fazendo agora também é temporário, disse a mim mesmo e olhei para os brotos nos galhos” (Al Shahmani 2022: 80)⁹. Nesse momento, o protagonista já não parte das práticas simbólicas internalizadas para compreender os sentidos que emanam da paisagem. É o conhecimento apreendido da paisagem que lhe permite idear outras estratégias de administração de sentidos.

Isso vale especialmente para o modo como ele lida com as experiências traumáticas do passado e a angústia do presente. No lugar de uma prática simbólica centrada em clareza e delimitações, ele passa a identificar os potenciais de sentido oriundos de um pensamento voltado para o fluxo orgânico que apaga os traços de demarcação. O caráter de imersão aqui é outro. Se antes se tratava de uma experiência polissensorial arraigada quase que exclusivamente no sujeito, aqui ela remete a uma experiência que depreende da paisagem formas de conceber sentidos. O fluxo de sentidos parece ter sido invertido, atribuindo um papel de maior agência à paisagem. O traçado demarcatório entre sujeito e paisagem se esvanece momentaneamente. O encontro se dá no marco da confluência e menos no marco da delimitação.

Com efeito, o encontro com as paisagens treina o olhar do protagonista e cria uma sensibilidade cada vez mais apurada para dimensões do sentido. Essa suscetibilidade lhe permite imergir no universo próprio desse espaço e depreender energias que não obtinha de outra forma:

Eu conhecia a trilha entre Frauenfeld e Stein am Rhein quase de cor. Eu secretamente chamava esse caminho para mim mesmo de ‘o caminho da cura’; muitas vezes, quando me sentia mal, meus pés buscavam esse caminho. E toda vez que saía da floresta, a vista do Reno me surpreendia. Mesmo agora, foi como um pequeno vento em minha alma quando a vista se abriu por trás do farfalhar das árvores. Elas me deram forças para lembrar, me senti em paz comigo mesmo, meu desespero diminuiu um pouco. Embora a pergunta

⁹ Ein Tauchgang in den Wald hilft mir immer wieder, die Vergangenheit ruhen zu lassen und an einen neuen Anfang zu denken. Neige dich und schwanke, sei wie die Bäume im Wind, verhalte dich wie ein Baum und lass alles fließen, denn alles wird vergehen. Auch das, womit du dich jetzt beschäftigst, ist vergänglich, sagte ich mir und betrachtete die Knospen an den Zweigen.

torturante sobre Ali ficasse presa na minha garganta como um caco que eu não conseguia engolir nem cuspir. (Al Shahmani 2022: 122-123)¹⁰

Nesse estágio de seu conhecimento paisagístico, o protagonista já não adota os crivos de percepção de sua socialização primária. Aberto ao diálogo, ele imerge na experiência que a paisagem pode proporcionar, depreendendo dela uma série de sentidos que ele passa a integrar em sua construção identitária. Desse modo, ele percebe que seu corpo se transforma na medida em que interage com os potenciais de sentido oriundos da paisagem. As sensações que atravessam seu corpo, por sua vez, impactam no modo como consegue organizar sua narrativa individual. Isto é, ele experimenta cura, paz e força, o que lhe permite investir suas energias na organização dos desafios que ameaçam seu ser no mundo. Isso vale para sua permanência na Suíça, mas se estende igualmente para os traumas sofridos no Iraque.

O contato com a paisagem produz uma experiência que permanece substancialmente inconsciente. Ele constata que seus “pés buscavam esse caminho”. O modo, portanto, como ele se envolve com a paisagem produz uma sedimentação afetiva que fortalece sua configuração teleológica individual, proporcionando uma experiência complexa. Nisso, paisagem, corpo e identidade se fundem, elidindo as marcas claras dos limites e instaurando, em seu lugar, um idioma vernacular, nem o alemão suíço, nem o árabe iraquiano, mas sim um uso individual de sentidos que se adapta ao entorno, sem a imposição de uma racionalidade exterior. Nesse horizonte, o uso da técnica cultural “paisagem” se transformou e, com ele, o próprio protagonista, com sua concepção de si e de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance de Al Shahmani encena um nexos interessante entre a exposição de paisagens e seus usos, a partir de uma personagem migrante. Com isso, ele adiciona um elemento importante para a discussão em torno das construções identitárias de sujeitos em deslocamento. A interação com a paisagem mostra uma outra lógica para pensar formas de pertencimento, exclusão ou integração. As dificuldades de compreensão das dimensões simbólicas atreladas à paisagem não são menores que aquelas encontradas nas interações sociais entre membros pertencentes a diferentes socializações culturais. Em ambos os casos, o protagonista precisa se mostrar aberto aos potenciais de sentido e dialogar com suas práticas.

¹⁰ Der Wanderweg zwischen Frauenfeld und Stein am Rhein kannte ich fast auswendig. Ich nannte diesen Weg heimlich für mich ‚die Strecke der Heilung‘; oft, wenn es mir schlecht ging, suchten meine Füße diesen Weg auf. Und jedes Mal überraschte mich die Aussicht auf den Rhein, wenn ich aus dem Wald trat. Auch jetzt ging es wie ein kleiner Wind durch meine Seele, als sich der Blick öffnete, hinter mir das Rauschen der Bäume. Sie hatten mir die Kraft gegeben, mich zu erinnern, ich fühlte mich mit mir selbst versöhnt, meine Verzweigung ließ ein wenig nach. Aus wann die quälende Frage nach Ali in meinem Hals stecken blieb wie eine Scherbe, die ich weder schlucken noch ausspucken konnte.

Se compreendida como construção cultural, a paisagem e seus usos revelam potenciais de sentido. Esses sentidos podem ser estáveis, especialmente quando comodificados, mas eles representam, sobretudo, um fluxo de constante transformação, na intersecção entre paisagem e a experiência individual. Com isso, o impacto da respectiva paisagem depende, em grande medida, das ressonâncias que ela pode produzir no indivíduo, mas também da sensibilidade que este traz consigo para dialogar com essa forma de imergir no mundo. Esse encontro pode não produzir nada, mas também pode desencadear um processo de produção de sentidos no universo individual. A qualidade desses sentidos depende da sensibilidade e da habilidade de dialogar com o entorno.

OBRAS CITADAS

AL SHAHMANI, Usama Al. *In der Fremde sprechen die Bäume arabisch*. Zürich: Unionsverlag, 2022.

ANDREWS, Malcolm. Landscape: An Aesthetic Ecology. Toni Luna & Isabel Valverde, orgs. *Reflexiones desde miradas interdisciplinarias. Theory and Landscape: Reflections from Interdisciplinary Perspectives. Théorie et paysage: réflexions provenant de regards interdisciplinaires*. Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña; Universidad Pompeu Fabra, 2011. 73-88.

BESSE, Jean-Marc. Le paysage, entre le politique et le vernaculaire. Réflexions à partir de John Brinckerhoff Jackson. *Arches*, v. 6, p. 9-27, 2003. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-00113275/document>.

BESSE, Jean-Marc. L'espace du paysage. Considérations théoriques. Toni Luna & Isabel Valverde, orgs. *Reflexiones desde miradas interdisciplinarias. Theory and Landscape: Reflections from Interdisciplinary Perspectives. Théorie et paysage: réflexions provenant de regards interdisciplinaires*. Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña; Universidad Pompeu Fabra, 2011. 7-24.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Trad. de Ida Alves et al. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

GREIDER, Thomas & Lorraine Garkovich. Landscapes: The Social Construction of Nature and the Environment. *Rural Sociology*, Provo, v. 59, n. 1, p. 1-24, 1994.

JACKSON, John Brinckerhoff. *Discovering the Vernacular Landscape*. New Haven: Yale UP, 1984.

JACKSON, John Brinckerhoff. *Landscape in Sight: Looking at America*. New Haven: Yale UP, 1997.

JAKOB, Michael. Metacritique de l'omnipaysage. Toni Luna & Isabel Valverde, orgs. *Reflexiones desde miradas interdisciplinarias. Theory and Landscape: Reflections from Interdisciplinary Perspectives. Théorie et paysage: réflexions provenant de regards*

interdisciplinaires. Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña; Universidad Pompeu Fabra, 2011. 43-54.

KÜHNE, Olaf. Was ist Landschaft? Eine Antwort aus sozialkonstruktivistischer Perspektive. *Morphé. rural – suburban – urban*, v. 1, p. 27-32, 2015. Disponível em: <http://www.hswt.de/fileadmin/Dateien/Hochschule/Fakultaeten/LA/Dokumente/MORPHE/MORPHE-Band-01-Juni-2015.pdf>.

KÜHNE, Olaf. *Landschaftstheorie und Landschaftspraxis. Eine Einführung aus sozialkonstruktivistischer Perspektive*. 2., aktualisierte und überarbeitete Auflage. Wiesbaden: Springer VS, 2018.